

ENRIQUE DUSSEL E A RELIGIÃO INFRAESTRUTURAL COMO PROPOSTA DE LIBERTAÇÃO*

IGOR KAUÃ S. ROCHA

Discente do curso de Licenciatura em História
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
Contato: higor.rkauan18@gmail.com

Resumo: O presente artigo problematiza a religião a partir de dois conceitos primordiais: supraestrutural e infraestrutural. A base teórica para a discussão é a filosofia da religião antifetichista, como é apresentada na obra do pensador argentino, Enrique Dussel. O nosso objetivo é analisar o impacto dos referidos conceitos sobre a influência da religião em nossa sociedade.

Palavras-chave: Filosofia da religião. Filosofia da libertação. América latina. Religião.

251

1. INTRODUÇÃO

O debate sobre o papel das religiões, especialmente da religião cristã, no contexto da América latina, tem sido pauta recorrente no decorrer dos séculos, principalmente quando se trata de seu papel em meio aos marginalizados, nas periferias e nas situações que evocam a necessidade de uma voz profética. A filosofia da religião, como área crítica, faz uma análise profunda dessa atuação e, na maioria das vezes, se posiciona contrariamente ao que propõe a ética das religiões, uma vez que

* O presente artigo é uma versão modificada do *Trabalho de Conclusão de Curso* (TCC) apresentado ao Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia, sob a orientação do professor Luis Geraldo da Silva.

esta demonstra total subserviência ao projeto de manipulação da classe trabalhadora. O problema é desafiador, na perspectiva da filosofia da religião antifetichista de Enrique Dussel, uma vez que para ele a religião infraestrutural carrega em si uma proposta de libertação.

Diante de um contexto em que líderes religiosos justificam a violência institucionalizada, bem como a permanência da extrema pobreza e da desigualdade social, através de discursos atrelados à teologia do domínio, do medo e até mesmo da prosperidade, justifica a abordagem do tema. Os conceitos de superestrutura e infraestrutura são centrais para a exposição de nosso tema, pois elevam o debate a uma investigação filosófica que nos permite identificar como ocorre a relação entre religião e o poder (supraestrutural) e como ela se organizou, ao longo do tempo, como um canal de formação e autocritica das classes dominadas (infraestrutural).

Portanto, a partir das principais leituras relacionadas ao tema, discutiremos, em um primeiro momento, sobre a influência exercida pela religião na sociedade como um todo; em seguida, apresentaremos os elementos que permitem compreender o que seria a religião supraestrutural e como ocorre a sua fundamentação; em seguida, demonstraremos como a religião infraestrutural pode construir um processo de libertação; por fim, discutiremos qual a relevância e o papel da religião atualmente.

252

2. RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E A SOCIEDADE

Durante muito tempo, especificamente no período medieval, a sociedade conviveu com a atuação e interferência permanente da religião na vida cotidiana. Com o passar do tempo, essa relação se fragmentou, abrindo novos espaços para novas ideias, posicionamentos e principalmente as críticas para com esse envolvimento. Nesse tópico, toda

a nossa reflexão visa esclarecer qual a relação entre a religião e a sociedade atualmente.

Inicialmente, observamos um fator primordial que impulsiona a ação das igrejas, sejam elas numa perspectiva supraestrutural ou infraestrutural: o papel da mídia. É impossível explicar o fenômeno religioso contemporâneo sem reconhecer o papel desempenhado pela mídia, como esclarece Ramiro (2015, p. 2) “a mídia alterou as bases da sociedade, influenciou as relações interpessoais e construiu um sistema imagético formador de uma nova cultura. [...] A midiaticização da sociedade inaugurou uma nova forma de pensar, agir e se relacionar”. Nesse sentido, a principal forma de cultivar a fé, para uma boa parcela da população, é através dos meios de comunicação. No entanto, há outros elementos presentes nos meios de comunicação: não é incomum a propagação de discursos que, ao invés de promover um pensamento crítico e sensato, provocam a divisão entre os diversos segmentos do cristianismo, dentro das igrejas evangélicas e no próprio catolicismo.

253

A mídia rege o comportamento humano e as relações sociais, por meio do poder econômico. Como a religião está inserida no mesmo contexto, procura espaços midiáticos para legitimação e ampliação da visibilidade. Nesse processo, a mensagem se transforma em mercadoria e enfrenta o obstáculo mercadológico da concorrência. Disputas religiosas pela atenção dos fiéis são comuns, assim como apresentações cada vez mais espetaculares (RAMIRO, 2015, p. 3).

Diante deste cenário de disputas, é visível o quanto o binômio religião-sociedade está imbricado no fenômeno do fetichismo¹, pois a realidade vivenciada diariamente pelos trabalhadores é confrontada com

¹Traçando uma relação entre o conceito de fetichismo da mercadoria presente em Marx, o filósofo Enrique Dussel amplia a discussão para o fenômeno religioso, desenvolvendo uma filosofia da religião antifetichista. No item 4, a seguir, discutiremos sobre esse tema.

pregações que enaltecem a figura de um Deus que recompensa o indivíduo pelo suor do seu trabalho², porém, não o faz refletir sobre as causas de sua exploração. O antagonismo entre o resultado do trabalho e a vida trabalhador, tal como Marx (2010, p. 82) descreve – “o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador [...]” –, ilustra muito bem o antagonismo entre a vida do trabalhador e a pregação destinada à alimentar a sua fé. Nesse âmbito, é visível a noção de religião supraestrutural.

Esse antagonismo está presente na própria estrutura dos meios utilizados para propagar a mensagem religiosa: não é incomum que os meios de comunicação digital (que deveriam ampliar as relações ecumênicas), sejam utilizados apenas para fomentar o ataque a outras confissões religiosas, como é o exemplo das próprias religiões afro-brasileiras. O que põe em xeque a questão da essência da religião e exalta a natureza dos meios de comunicação. “No âmbito religioso, o fiel se torna expectador de um sistema que promove o espetáculo para suprir demandas espirituais e que oferta a mensagem como mercadoria” (RAMIRO, 2010, p. 5).

Podemos, então, a partir do que foi dito acima, afirmar que a relação entre religião e sociedade, no contexto brasileiro atual, revela um forte teor de polarizações ideológicas e confrontos políticos. Essas polarizações, que tem a sua origem no campo do político, em boa medida, são reforçadas e estimuladas pelos “conhecedores da palavra”, atestando, de modo veemente, a rivalidade entre as plataformas religiosas e sua influência na vida dos fiéis. Essa forma de promover o discurso religioso permite concluir que a relação entre a religião e a sociedade, atualmente, se apresenta de uma forma difusa, através de uma outra polarização que se revela: aquela entre religião e política.

² Destaca-se aqui, como principal questionamento, o movimento das igrejas neopentecostais, dando ênfase, sobretudo, a teologia da prosperidade.

3. RELIGIÃO SUPRAESTRUTURAL E MANUTENÇÃO DO *STATUS QUO*

O filósofo Enrique Dussel, ao explicar o significado da religião supraestrutural, faz uma abordagem teórica que resgata o posicionamento daqueles que são considerados grandes nomes da filosofia ocidental, como Hegel, Feuerbach e Marx. Vamos observar, de modo bastante breve, quais referências o pensador argentino extrai das obras dos referidos autores.

A partir das considerações de Dussel e o seu diálogo com as obras de Hegel, principalmente em relação à história da filosofia universal, destaca-se a dialética hegeliana, partindo da fundamentação do Estado e da religião. “Para Hegel ‘a religião (*Grundlage*) e o fundamento do Estado são uma e a mesma coisa, são idênticas em si e para si [...]. Considerar a conexão entre o Estado e a religião é tema com o qual a filosofia da história universal lida adequadamente” (HEGEL, *apud* DUSSEL, 1977, p. 17). Nesse quesito, aproxima-se a religião supraestrutural como aquela que mantém a justificação idealizada do absoluto. “A religião, [...] alcança na fé a sua perfeição: é a representação crida como Idéia absoluta; o culto que se presta ao Espírito no homem e pelo homem, é a ‘certeza’ (*Gewissheit*) de que essa representação da fé é a Verdade do Absoluto[...].” (HEGEL, *apud* DUSSEL, p. 18).

Dussel também problematiza os desdobramentos de Feuerbach acerca da religião. “Feuerbach descobriu brilhantemente que esse Deus, e essa religião, nada mais era do que a negatividade humana invertida no infinito: “o homem afirma em Deus [hegeliano] o que ele nega em si mesmo [...]” (FEUERBACH, *apud* DUSSEL, 1977, p. 19). Assim, Deus torna-se uma projeção humana, nas palavras de Feurbach:

Na religião, principalmente na cristã, a qualidade racional de Deus que se salienta sobre todas as outras é a perfeição moral. Mas Deus como um ser moralmente perfeito é apenas a ideia realizada, a lei personificada da moralidade, a essência moral do homem posta

como essência absoluta - a própria essência do homem; porque o Deus moral exige do homem que ele seja como Ele próprio é: "Santo é Deus, deveis ser santos como Deus" - a própria consciência do homem, porque, caso contrário, como poderia ele tremer diante da essência divina, acusar-se diante dela, como estabelecê-la julgadora de seus pensamentos e intenções mais íntimas? (FEUERBACH, 2007, p. 74)

Outro autor de fundamental relevância é o próprio Marx, não só nos estudos dusselianos sobre a religião, mas na própria teoria como um todo. "Marx faz uma crítica filosófica, política e econômica da religião. A terceira é certamente a mais importante" (DUSSEL, 1977, p. 19-20). Justamente por isso se faz necessário um aprofundamento sobre o tema, sem pontuar apenas a fase jovem de Marx, o qual interpreta a religião como ópio do povo, mas também, a partir do amadurecimento de sua obra, principalmente no conceito de fetiche da mercadoria.

Quando compra um produto, se o fetichiza, a pessoa não quer saber de onde veio, quanto a pessoa que o fez recebeu por aquilo, se provém de trabalho escravo, se houve desmatamento. Ainda que inconscientemente, como na religião, o bem-estar decorrido do culto não questiona a realidade que o espera, cinde o mundo em espiritual e concreto e anula o concreto, contemplando apenas o espiritual, fetichizando-se em sua dimensão espiritual (MATOS, 2013, p. 91).

256

A abordagem destes teóricos - ainda que de modo bastante elementar - nos leva a compreender como ocorreu o processo de fetichização da imagem de Deus nas Américas. Através da conquista, os nativos da terra tiveram contato com a imagem de um ser idealizado, mesmo predominante na filosofia de Hegel e Feuerbach. Depois, posto sob a ótica do fetiche pela crítica marxiana. "A religião legítima e justifica em última análise o poder dominador do Estado. Isso é igualmente válido para as Cristandades, tais como a bizantina, latina, germana ou latino-

americana das Índias Ocidentais” (DUSSEL, 1977, p. 26). Sobre tal legitimação, é elementar a ótica de Dussel com a sua filosofia da religião antifetichista:

O “Deus” como o ser, como o pro-jeto (sic), como “o visto” e compreendido (sic) pela razão, como fundamento do sistema do Estado termina por justificar a matança dos pobres da terra. Este é o “Deus” dos filósofos modernos, do qual se deve saber ser ateu como condição teórica de possibilidade para poder pensar uma filosofia da libertação [...] (DUSSEL, 1977, p. 45).

Cabe, então, o seguinte questionamento: como a ideia de religião supraestrutural toma corpo na sociedade atualmente e quais as suas implicações? Uma resposta deve ter início a partir do reconhecimento que o fanatismo religioso é peça chave para a compreensão deste processo. Muitas igrejas, por meio de seus cultos, promovem cada vez mais o conformismo – também o espetáculo – entre os fieis, de tal modo que o conduzem a uma situação de inércia diante da realidade concreta em que vivem. A conclusão de Matos (2013, p. 93), sobre esse aspecto da religião é esclarecedora:

[...] na religião supraestrutural, o culto é apenas espiritual-abstrato. E neste sentido, com Marx, afirmamos que ‘a religião é o ópio do povo’. Pois neste momento a religião legitima a sociedade como está, o status-quo, dando uma percepção falsa de coerência, harmonia social.

Um olhar atento às pregações sensacionalistas, proferidas nos diversos púlpitos – sejam eles físicos ou digitais – revela, nitidamente, a falta de contextualização da mensagem religiosa, através de uma ausência completa de qualquer aspecto da hermenêutica e da exegese bíblica. Qual o impacto desse discurso? É possível notar o impacto próprio ao meios divulgados: alcança-se cada vez mais um número significativo de pessoas,

através dos cultos acessados remotamente; no entanto, quanto à celebração participativa no “mistério salvífico” nota-se um evidente esvaziamento.

Remotamente acessível, a vivência religiosa se transforma em um processo de contemplação do deus absoluto e idealizado. Nesse processo, tal como ocorre com o trabalhador e produto que elabora, os fiéis se esquecem, por um momento, de todas as suas angústias e aflições, com as orações dirigidas ao Deus que é amor, e que, portanto, os ama sem medida, apesar de suas faltas e fracassos, erros e contradições. Mesmo com a mancha do pecado. “O amor é o laço de união, o princípio de mediação entre o perfeito e o imperfeito, entre o ser sem pecado e o pecador, entre o geral e o individual, a lei e o coração, o divino e o humano. O amor é o próprio Deus e sem ele não há Deus” (FEUERBACH, 2007, p. 75).

Outra questão problemática no tocante a religião supraestrutural é o fato da religião ser utilizada como mecanismo ideológico que contribui para o processo de exploração das camadas populares.

258

No Brasil, temos um fenômeno muito interessante de uma bancada evangélica no governo que defende interesses próprios e das empresas que as apoiam. Utilizam suas igrejas para arrebatar votos, a custo de uma pregação comprometida com os interesses que defendem no governo. De forma semelhante, a “marcha da família com Deus, pela liberdade” foi a maior prova de demonstração da religião supraestrutural que tivemos na história de nosso país, depois da invasão europeia. Foi uma cruzada. (MATOS, 2013, p. 94).

Os interesses desses pequenos grupos atestam, de modo enfático, o quanto as elites detêm os meios necessários para o controle das classes dominadas, pois a organização desses movimentos, a exemplo de grandes eventos religiosos, de repercussão nacional, requer uma concentração não apenas de pessoas, mas também de dinheiro. Além do mais, o discurso de

soberania – não apenas de Deus, mas também do Estado – contribuem para a permanência de uma mentalidade centrada na opinião de que a “criação” está completa e que nada precisa ser mudado.

No Brasil, o campo religioso, assim como o campo político e educação, é um campo de disputas. No âmbito religioso, diferentemente dos demais, parece ocorrer distinto: a luta interna, neste campo, não visa renovar ou fazer qualquer tipo de mudança, mas sim manter tudo como está, do ponto de vista econômico e social. O conservadorismo que é sinônimo de manutenção dos privilégios de uma determinada classe sobre as outras, encontra na prática religiosa popular – aquela mesma classe que Marx enxergava como elemento central da revolução –, uma forma de justificar e manter o *status quo*. Em outros termos, é a religião supraestrutural que alimenta a desigualdade entre a minoria que possui muito e a maioria que possui muito pouco.

4. RELIGIÃO INFRAESTRUTURAL E LIBERTAÇÃO

259

Se por um lado a religião supraestrutural é usada para legitimar a opressão, através do discurso institucionalizado e a reprodução dos ideais da classe dominante, por outro lado, a religião infraestrutural é a representação das classes dominadas. Para fundamentar esse modelo de religião, Enrique Dussel retoma a trajetória da libertação do povo de Israel, no livro do Êxodo³.

No antigo Israel, ao contrário da religião aristocrática dos indo-europeus (como os arianos do Rig-Veda, os gregos em Homero ou os itálicos) ou do taoísmo, a tradição profética teve experiências originais que a marcariam definitivamente. No Egito, com seu modo de produção tributário (pelo qual os camponeses do Nilo foram

³ Neste momento cabe a explicação de que a religião infraestrutural não é estritamente a experiência contida nos textos bíblicos, mas a partir deles, um exemplo de como a sua prática se dá na realidade.

oprimidos) sobre o qual o modo de produção escravo (cujos escravos incluíam os Pais do povo de Israel) foi substituído, houve uma experiência extraordinária de infraestrutura religiosa e libertação (DUSSEL, 1977, p. 37).

Na tradição profética, descrita no *Êxodo*, referente à missão de Moisés, nos deparamos com a declaração do seu Deus: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias [...] Vai, pois, eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (*Êxodo*, 3. 7-10). Essa mesma tradição perpassa gerações, e no novo testamento, vemos o cântico de Zacarias: “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiou o seu povo, e suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo, como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas [...]” (*Lucas*, 1, 67-70).

Percebemos, neste contexto, que a experiência com o Absoluto tem o dever de libertar aqueles que estão sob o jugo da escravidão. A260 libertação, portanto, é uma demanda própria das ditas religiões de salvação, cujo pressuposto é idêntico às religiões infraestruturais. Dussel ressalta que “A responsabilidade do libertador [...] pelos pobres oprimidos está por baixo (infra) da estrutura do sistema que os exilados do Egito organizarão na Palestina, que é vista no próprio processo de libertação como a terra utópica ‘que emana leite e mel’” (1977, p. 37).

Existem vários movimentos e grupos que promovem e defende o processo de libertação. A *Teologia da Libertação*, por exemplo, (especialmente a latino-americana) elaborou diversos pressupostos para uma interpretação da bíblia que fosse capaz de enfatizar o Jesus histórico e o processo de emancipação dos oprimidos, levando em consideração não apenas o texto literal, mas o contexto histórico em que está situado. Com a *Teologia da Libertação* a religião ganhou um novo escopo, uma perspectiva infraestrutural: mais próxima dos oprimidos e atenta aos

diversos processos históricos de libertação. Na visão supraestrutural, como foi dito antes, a religião se revela uma instituição politizada e ideológica.

Relacionando essas questões com a conquista das Américas, compreende-se aqui que ela foi produto da ação vinculada à superestrutura, que propunha uma teoria de “emancipação dos bárbaros”. Contra isso se levantaram alguns profetas, dando ênfase ao compromisso da religião como porta voz dos marginalizados. O maior exemplo deles é Frei Bartolomé de Las Casas. “Bartolomeu [...] vai além do sentido crítico da Modernidade como emancipação [...] porque descobre a falsidade de julgar o sujeito de pretensa ‘imaturidade (*Unmündigkeit*)’ com uma culpa que o ‘moderno’ procura lhe atribuir para justificar sua agressão (DUSSEL, 1993, p. 82).

Tudo isso, na concepção do filósofo argentino, constitui o mito da modernidade e atesta, cada vez mais, a visão de mundo apenas da ótica do conquistador. O mesmo conquistador que proclamava a palavra de Deus, mas ao mesmo tempo, não prestava atenção ao que dizia Jesus, o maior de seus profetas:

261

Bem aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem aventurados vós, que agora chorais, porque havei de rir. Bem aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas. Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes vossa consolação! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas! Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas (*Lucas*, 6, 20-26).

Diante da perspectiva eurocêntrica, ainda predominante na sociedade atual, podemos nos perguntar sobre o tema norteador desse trabalho: a religião infraestrutural é útil como proposta de libertação? Se

levarmos em consideração as afirmações do próprio Dussel (1977, p. 47-48): “A religião é posição, atitude e práxis [...]”, então podemos dizer que sim, pois ao contrário do que oferece os ideais da classe dominante, a religião infraestrutural se apresenta, não com o projeto de imposição de sua crença para os povos, mas com fomentadora da responsabilidade e do respeito à alteridade.

Tem por isso, um momento tecnológico-ideológico, outro prático-político e outro econômico-cultural, seria assim, a totalidade carnal humana em posição de antecipação criadora quanto ao sistema vigente [...], como mediação do culto ao Absoluto, ao Outro (DUSSEL, 1977, p. 47-48).

Para exemplificar, lembramos os movimentos sociais na América Latina, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), no México, a Acción Ecológica, movimento ecologista no Equador, a Central Indígena do Oriente Boliviano (CIDOB), na Bolívia, e tantos outros, ambos surgidos e/ou apoiados no contexto de ascensão da *Teologia da Libertação*, um dos maiores exemplos de religião infraestrutural. 262

Mas, ainda podemos dirigir outro questionamento: qual a proposta da religião infraestrutural para que ocorra um processo de libertação? A filosofia da religião antifetichista, da forma como é apresentada por Enrique Dussel propõe um discurso ateu do sistema, demonstrando dois dos incontáveis exemplos de profetismo que nós tivemos na América latina.

Deveríamos partir da práxis libertadora latino-americana, para ver como Tupac Amaru pôs em questão o deus-fetichismo da cristandade colonial hispano-americana em sua rebelião de índios; ou como o pároco Hidalgo com seu exército de índios deixou de prestar culto, se declarou praticamente ateu, do “deus” da oligarquia mexicana [...] (DUSSEL, 1977, p. 50).

Estamos diante, então, de uma proposta de ateísmo ao deus-fetichismo, marcado atualmente pelas pregações que exaltam a cultura do descarte, do menosprezo aos desvalidos e da falta de compromisso com as políticas públicas que beneficiam os pobres. “Somente a afirmação do divino como outro, além do sistema é o ponto de partida do discurso filosófico radicalmente libertador” (DUSSEL, 1977, p. 65). A religião infraestrutural nos propõe o discurso desse ateísmo e a alteridade como responsabilidade absoluta sobre o Outro.

5. RELEVÂNCIA DA RELIGIÃO NA ATUALIDADE

Depois de termos discutido as fundamentações básicas sobre a religião supra e infraestrutural, faz-se plausível a discussão da relevância da religião na sociedade atualmente. Afinal, a religião é pertinente, ou não, frente aos desafios de hoje?

No item dois deste artigo, citamos Marx brevemente. Ramiro (2015, p. 9) afirma que “para Marx, é necessário promover transformação social. [...] a religião não terá mais razão e sentido para existir, quando o ser humano estiver inserido dentro um contexto de liberdade, igualdade e consciência do movimento social”. Neste ponto, podemos entender que a religião tem utilidade enquanto mecanismo que consola os angustiados e aquela que produz alívio aos sofredores. No entanto, isso ainda faz parte da supraestrutura religiosa.

A canção “quando o dia da paz renascer”, de Zé Vicente, demonstra com veemência qual seria a relevância da religião enquanto propagadora da esperança:

Quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, eu vou sonhar. Quando os muros que cercam os jardins, destruídos, então os jasmims, vão perfumar [...]. Quando as armas da destruição, destruídas em cada nação, eu vou sonhar. E o decreto que

encerra a opressão, assinado só no coração, vai triunfar [...]. Vai ser tão bonito se ouvir a canção cantada de novo, no olhar da gente a certeza do irmão, Reinado do povo.

Ainda que a letra tenha uma aparência utópica, temos contato com a experiência de fé que busca a conscientização dos seus fieis não apenas no sentido de fuga ao pecado, mas de esperança em dias melhores, condenando o pecado social. Algo que vai de encontro com as afirmações do Papa Francisco sobre “o cuidado com a Casa Comum”. Os principais desafios que enfrentamos hoje estão relacionados à precarização das necessidades mais básicas do ser humano, como o desemprego, a falta de moradia, a insegurança alimentar e tantos outros fatores. A religião que se preocupa com as causas sociais e com a extrema pobreza é infraestrutural, e, portanto, relevante para a sociedade.

6. CONCLUSÃO

264

Após o que foi dito ao longo do presente artigo, esperamos ter deixado claro os mecanismos básicos para a distinção entre religião supraestrutural e infraestrutural. As questões abordadas no decorrer do texto são de suma importância para que possamos ter em mente a concepção de que, a exemplo das lutas travadas em toda a América latina em busca de sua emancipação, tivemos grandes contribuições de movimentos ligados às religiões, seja dos nativos, que mesmo integrantes da religião colonizadora, se preocupavam com a libertação.

A religião infraestrutural é um meio de unir forças, não apenas como meio de apaziguamento, mas como portadora de uma práxis revolucionária, que se empenhe em fortalecer as camadas populares que buscam a transformação social. Devemos nos situar frente às demandas desafiadoras do nosso tempo com um olhar sensível às necessidades dos mais vulneráveis e, ao mesmo tempo, com uma visão ateia do sistema que oprime, e que, portanto, faz jus a religião supraestrutural, intensificando

cada vez mais a manutenção do *status quo* e ratificação das polarizações atuais.

A proposta dusseliana nos interpela a sermos comprometidos com a alteridade, no comprometimento mútuo com o Outro, estabelecendo os parâmetros cruciais que envolvem uma relação dialógica entre os povos. Nesse sentido, a religião infraestrutural encabeçada por Dussel nos propõe a superação da intolerância e a afirmação da totalidade mediante o diálogo com o Outro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Edições Paulinas. 1989.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade.** Conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana V: uma filosofia da religião antifetichista.** São Paulo: Loyola, 1977. 265

_____. **Religión.** México. Edicol: 1977.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2008.

MATOS, Hugo Allan. Religião como supraestrutura e como infraestrutura: como fica a liberdade de religião? **Revista Páginas de Filosofia**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2013, p. 83-100.

RAMIRO, Marcelo Moreira. Religião e alienação na era do espetáculo. **X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial.** São Paulo, 2015.

Disponível em:

file:///D:/USU%C3%81RIO/Downloads/Marcelo_Ramiro_Religioao_e_%20Alienacao.pdf. Acesso em: 07 março 2025.

IGOR KAUÃ S. ROCHA

<http://lattes.cnpq.br/2087962050321616>

266